

RESENHA**Debord e o hegel-marxismo francês**

Debord, Guy. *La librairie de Guy Debord. Marx Hegel*. Paris : L'Echapée, 2021.

 10.21680/1983-2109.2022v29n58ID28180

Frederico Lyra de Carvalho

Université de Lille, França

 0000-0003-1228-5480

lyrafred@gmail.com

Embora pouco estudado no Brasil, Guy Debord é provavelmente o principal pensador francês dos anos 1960 aos anos 1980, época em que publicou as suas principais obras e na qual as atividades da *Internacional Situacionista*, da qual era um dos membros mais ativos, era abundante. Ele é mais conhecido pela sua principal obra, publicada em 1967, *A Sociedade do Espetáculo*, embora tenha publicado outros livros e dirigido vários filmes. Mais recentemente uma editora da esquerda radical francesa, *L'Echapée*, começou a publicar em livros, em edições bastante refinadas, as notas de leitura de Debord transformadas em tesouro nacional francês há alguns anos. Até aqui foram publicados o volume *Stratégie* (2018) e *Poésie, etc* (2019), além do volume *Marx Hegel* (2021) objeto desta resenha.

Este livro agrupa uma série de notas de Debord sobre Hegel, Marx e de autores marxistas, hegelianos e hegel-marxistas. Ele é dividido em duas partes, uma dedicada a cada autor, além de um posfácio de Anselm Jappe comentando as notas sobre Marx e um outro escrito por Bertrand Cochard tratando das notas sobre Hegel. É um livro diferente de outras publicações póstumas de notas, como por exemplo o livro de *Passagens* de Walter Benjamin, que contém muitos comentários seus além das transcrições dos livros. Aqui temos muito poucos comentários e desenvolvimento, e quando muito temos basicamente um parêntese ou uma referência de onde aquela passagem será utilizada no texto de Debord ou no máximo uma palavra-chave. Não tem tanta coisa nova. O grosso do material comprime as passagens dos textos que foram copiadas por Debord nos

seus cadernos pessoais. Estamos diante do material bruto, isto é, daquilo que chamou mais a atenção de Debord nos textos que leu. Neste sentido, é bem diferente do material póstumo de autores como Adorno ou Foucault que são, em boa parte dos casos, material inédito para pesquisa. Nos deparamos com um certo ar de publicação fetichista do pensador crítico radical do espetáculo que, desde o seu desaparecimento em 1994, se vê integrado ao *mainstream* com esse tipo de material. É bem verdade que não deixa de ser um material útil para um certo tipo de pesquisa, mas no fundo é uma publicação de uma curiosidade filológica que acrescenta muito menos teoricamente que nos casos citados logo acima. Adorno e Foucault são dois dos autores da moda cuja atualidade teórica é cada vez mais mantida em vida por aquilo que continua a ser publicado de maneira póstuma. Felizmente, isso não tende a acontecer com Debord.

Olhando as notas, ficamos sabendo que Debord leu Hegel com muita atenção e não apenas a *Fenomenologia do Espírito*. Ele leu vários textos do jovem Hegel, a *Propedêutica*, os *Princípios da Filosofia do Direito* e, sobretudo, *A Razão na História* que, junto com a *Fenomenologia*, comprime o maior volume de notas. Por sinal, as notas da *Fenomenologia*, lida na tradução clássica de Jean Hyppolite para o francês, mereceriam uma análise minuciosa. Um estudioso mais dedicado poderia se debruçar sobre as passagens selecionadas para tentar compreender em detalhes qual foi de fato a leitura de Debord dessa obra. O certo é que ele de fato leu, e bem, a *Fenomenologia*. O mesmo não pode ser dito da *Ciência da Lógica* nem da *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio*, obras que primam pela quase absoluta ausência nesse conjunto de notas. Descobrimos também que Debord frequentou as aulas ministradas por Jean Hyppolite no *Collège de France* que resultaram em um conjunto de notas de aula bem sistemáticas. Mais interessante ainda é notar que essas aulas ocorreram no início de 1967, poucos meses antes da publicação da *Sociedade do Espetáculo*. O único outro comentador e tradutor de Hegel que aparece fichado é Kostas Papaïoannou. Bertrand Cochard sinaliza no seu posfácio, no entanto, que a influência de Kojève pode ser identificada implicitamente nas notas e no texto debordiano em algumas passagens sobre o fim da história. Isto é, ele estava plenamente situado no debate hegeliano francês da época. Não sabemos, porém, se ele leu Gerard Lebrun.

Ao longo das notas os diversos *détournements* operados por Debord emergem ou são indicados no texto, fica ainda mais claro que ele elaborou uma leitura que se concentrava na atualização do filósofo alemão para o seu presente. Debord estava interessado em tornar Hegel vivo, o núcleo da sua abordagem era o desenvolvimento da dialética. Cochard sublinha que Debord teria tomado

conhecimento de Hegel via André Breton, mas só teria se engajado em uma leitura efetiva do filósofo no início dos anos 1960. Isto é, o mesmo momento que a reação anti-hegeliana tomava corpo. A sua leitura de Hegel foi alimentada por Lukács, Korsch e pelo jovem Marx. “Podemos ver que Marx praticou um desvio do pensamento de Hegel, assim como do estilo de Feuerbach” (p. 410). Do ponto de vista de Debord, Hegel era ao mesmo tempo um filósofo, um ideólogo e um revolucionário. Essa tensão se encontra tanto nas notas como no texto de *A Sociedade do Espetáculo*. Evidenciá-la “é o mérito destes cartões de leitura de Hegel: eles são a matéria fluida da anti-ideologia. Eles exigem que voltemos àquilo que tomamos como certo e assim ajudam a impedir que o pensamento debordiano se congele em uma doutrina que, por sua vez, está separada do mundo” (p. 434). Assim como no caso do jovem Marx, a crítica ao Estado é central na leitura que ele elabora de Hegel. O que era Espírito em Hegel, se transforma em Espetáculo. Se um tendia à realização da liberdade na história, o outro tende à separação do homem consigo mesmo. Seguindo este fio, Cochard sustenta que *A Sociedade do Espetáculo* deve ser lida como uma obra dialética que formula uma filosofia da história. É nessa linha que, apoiado nas notas de Debord, ele sustenta que o principal capítulo da obra seria o quinto, precisamente aquele que trata do *Tempo e História*. Como em Paulo Arantes, o tempo seria a categoria central da interpretação que Debord faz da filosofia de Hegel. Conclui Debord: “sempre fui e continuo sendo um hegeliano de extrema esquerda, com Feuerbach, Marx, Stirner, Bakunin, Cieszkowski” (p. 374).

Em se tratando de Marx, podemos perceber que Debord se engajou num gesto na contramão do que ocorria na França. Ao contrário da leitura dominante de Althusser, ele se concentrou numa leitura do conceito de alienação em nova chave e na centralidade da herança hegeliana no pensamento de Marx. Embora se concentrasse numa leitura do jovem Marx, ele rejeitava a ideia equivocada de que existiria uma *coupure* epistemológica neste autor. A leitura de Debord era também anti-soviética. Ela negava as duas leituras dominantes na França da época. Não é à toa que hoje fica claro que a sua contribuição para o marxismo foi a mais importante vinda daquele país. Além de Marx, as fichas contam com notas de obras de vários autores da tradição marxista: Engels, Bernstein, Auguste Cornu, Gramsci, Lucien Goldmann, Korsch, Labriola, Trotsky, Lenin, Rosa Luxemburgo, George Sorel, entre outros. Jean Hyppolite também aparece nas notas sobre Marx, assim como Feuerbach. Além daquelas que tratam do texto de Marx, podemos destacar as que concernem Henri Lefebvre e Gyorgy Lukács. Debord é bastante crítico ao texto de Lefebvre, mas é inegável que ele deve muito

da sua compreensão de Marx a este pensador. Poderíamos destacar as longas passagens onde a “teoria dos momentos” é criticada em detalhes. É também contra e a partir dela que ele elabora a noção de “situação”. Lukács é fundamental para a sua reelaboração da dialética, na apreensão da categoria de alienação, que se transformará na noção de espetáculo, como também na maneira de pensar o proletariado e a luta de classes. Vale notar que *História e Consciência de Classes* foi traduzida para o francês em 1960, o mesmo momento no qual Debord passa a ler efetivamente Marx e Hegel. O impacto desse livro foi imediato. A categoria de espetáculo retoma diretamente a crítica da religião do jovem Marx e a sua transformação em alienação nos manuscritos de 1844. Debord poderia ter seguido até a categoria de fetichismo, categoria central d'*O Capital*, mas, como bem observa Anselm Jappe, ela é praticamente ausente do texto debordiano, só aparecendo em uma única nota : “Observo que o fetichismo da mercadoria que nunca é qualificado por Marx como as forma de consciência jurídica/política/religiosa/estética/filosófica se TORNOU ideológico com a abundância de mercadorias e a dissolução de outras” (p. 154). Embora precisa, esta intuição não foi desenvolvida na sequência.

Dois autores pouco conhecidos no Brasil são de maior importância para Debord: Maximilien Rubel e Karl-August Wittfogel. Rubel, que nasceu na atual Ucrânia e emigrou para Paris ainda nos anos 1930 é autor de uma série de obras idiosincráticas como *Marx théoricien de l'anarchisme* [Marx teórico do anarquismo] de 1983 e *Guerre et paix nucléaires* [Guerra e paz nucleares] de 1997. A leitura de Debord se concentrou em obras dos anos 1950 e 1960 como uma bibliografia intelectual de Marx e um outro livro sobre o bonapartismo¹. Marx, na interpretação de Rubel, emerge como um comunista libertário. Esta também era a interpretação de Debord, o que o levou, por outro lado, a ser muito crítico do lado progressista e da confiança de Marx no desenvolvimento do capitalismo. Como observa Jappe, ele não compartilhava do cientificismo de Marx e da maioria dos marxistas. As notas em torno do livro *Despotismo oriental: um estudo comparativo do poder total* de Wittfogel, compõem o conjunto mais longo e detalhado do arquivo de Debord em se tratando de Marx. Esta obra trata do desenvolvimento do modo de produção asiático e se concentra no estudo detalhado do surgimento e das mutações no Estado do Oriente sempre em comparação com o desenvolvimento do Estado europeu. Jappe observa no seu posfácio que a principal revelação das notas de estudos de Debord foi dar a medida exata da importância que este livro teve no seu desenvolvimento teórico. Ao longo

¹ Karl Marx. *Essai de biographie intellectuelle* (1957) e *Karl Marx devant le bonapartisme* (1960).

das notas, vai se tornando evidente a centralidade que a crítica ao Estado e das mutações do poder tem para o pensamento de Debord. “A verdadeira religião do estado moderno é o espetáculo, e o Bonapartismo foi apenas seu primeiro rascunho/profecia. Esta religião explica e exige passividade” (p. 253). Contra isso, ele propunha o seguinte esquema: “a ditadura do proletariado = ditadura anti-estatal = organização automática de um suicídio do Estado” (p. 220).

No seu esclarecedor posfácio, Jappe observa que o encontro de Debord com Marx foi bastante tardio, tendo ocorrido apenas no final dos anos 1950. Ao contrário da tendência em voga, ele deu uma clara preferência ao jovem Marx e concentrou o seu esforço num desenvolvimento profundo do conceito de alienação, que também seria bastante criticado na época. Jappe lamenta um pouco a falta de um desenvolvimento mais agudo da crítica da economia política. Ele felicita Debord, no entanto, por ter insistido, mais até do que o próprio Marx, na crítica ao Estado e à burocracia. Se é verdade que eram ambos fenomenologicamente mais perceptíveis nos anos 1960 do que no século XIX, é importante observar, como Jappe faz, que a crítica ao Estado nunca teve a devida importância nos meios marxistas. Diríamos mesmo o contrário, pois até hoje há uma forte tendência a imaginar que o Estado seria uma forma neutra e manuseável em prol da maioria da população ou mesmo em prol de uma eventual Revolução. Debord, como Marx, se lido de perto, não compartilhava dessa ilusão. Este é um marxismo anti-Estado, como por sinal deveria ser a regra. O capitalismo, a burguesia e a indústria aparecem como exceções históricas que devem ser abolidas. Também por isso Debord insistia que uma revolução proletária não poderia ser apenas uma repetição das revoluções burguesas. “Para Debord, diz Jappe, A contribuição de Marx não poderia consistir na criação de outra economia e outro estado, mas apenas na abolição da tirania econômica e estatal” (p. 310).

Jappe também observa que a partir das notas é possível deduzir que Debord provavelmente não tenha lido a integralidade de *O Capital*. Embora seja uma publicação filológica, o que aparece ao final da leitura do livro de notas Marx Hegel é, curiosamente, uma via contrária à tendência arquivista e filológica dominante em autores como Adorno ou Foucault. Muito mais do que fornecer um material inédito para novas pesquisas, a publicação dessas notas de Debord reforçam ainda mais a centralidade de *A Sociedade do Espetáculo* e a necessidade de mergulhar na integralidade de sua obra. Isto é, estas notas que agora temos em mão explicitam ainda mais as camadas sobrepostas das suas obras convidando os pesquisadores e leitores da obra de Debord não tanto a se focalizar nelas mesmas, mas sim a

utilizá-las como ferramenta para compreender em maior profundidade os seus escritos publicados em vida. Não são notas autônomas, elas iluminam as obras. O exemplo de Debord mostra é que, se concentrar em uma leitura próxima ao texto de dois autores como Hegel e Marx, além de alguns comentadores selecionados, aliada a uma percepção sensível e crítica do mundo, alimentada por sua vez a um fino rigor estético e crítico das artes, e uma atenção particular às situações tais quais elas se apresentam no quotidiano mundo, talvez seja um caminho interessante e profícuo para se seguir. Talvez ele apareça como mais frutuoso do que a exegese filológica ou o ecletismo desvairado que prima pela mistura sem critério, duas tendências dominantes no pensamento crítico contemporâneo. As notas sobre Marx e Hegel reforçam que de maneira curiosa a originalidade do pensador francês. O pensamento de Debord deve ser retomado não apenas pelo seu lado estético e vanguardista, mas sim em toda a sua profundidade dialética e filosófica.